

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: AS CRIANÇAS CONTAM OUTRAS HISTÓRIAS DE CAXAMBU, FLECHAS, ÁGUA E ESCOLA

Genildo Coelho Hautequestt Filho¹
Alexsandro Rodrigues²
Kiusam Regina Oliveira³

Resumo: O artigo tem por objetivo colocar em cena, imagens de crianças em seus entrecruzamentos com o sagrado e o profano, adulto e criança, privado e público. Nesses cruzamentos, vivendo heterotopias de si, as crianças não reivindicam as políticas de inclusão com saberes colonizadores que buscam capturar a raridade da vida. As crianças, o sagrado e o profano em encontro, produzem neste trabalho deslocamentos epistemológicos e fazem como força-convite em seu aparecimento que possamos acolher sua raridade. O artigo se vale de experiências em viagem cruzada pela academia e práticas religiosas que desconfiavam da norma e do poder colonizador retroalimentado. Em deslizos teóricos e metodológicos, como aposta política fazemos a convocação para que deixemos que as crianças possam viver uma vida no deslizamento entre o sagrado e o profano.

Palavras-chave: Crianças. Sagrado. Profano.

BETWEEN THE SACRED AND THE DEAD: THE CHILDREN TELL OTHER STORIES OF CAXAMBU, ARROWS, WATER AND SCHOOL

Abstract: This paper aims to put on scene, children's images between their crosslinks with the sacred and the profane, adult and child, private and public. At these crossing, living their own heterotopias, children don't claim inclusion policies with colonizing knowledge that seek to capture the rarity of life. The children, the sacred and the profane in encounter, produce at this paper epistemological displacement and make as inviting force in their appearance so that we can welcome their rarity. The paper is based on cross-travel experiences by the academy and religious practices that distrust the norm and the colonizer power. In theoretical and methodological sliding as a political bet, we call children to live a life sliding between the sacred and the profane.

Keywords: Children; Sacred; Profane.

Ao sair de casa, peça permissão: bifurcações em viagem

Uma viagem entre amigos a um quilombo é o que dispara um bom encontro e esta conversa como escrita. A viagem é também o que nos permite acessar cenas de crianças em seus cruzamentos e deslizamentos entre o profano e o sagrado. Neste trabalho não pautamos como afirmação política a necessidade de inclusão de singularidades religiosas e muito menos fazemos a defesa do princípio de aceitação. Poderíamos ir nesta direção, seria legítimo e estaríamos andando tranquilamente em estradas já pavimentadas com políticas em curso e em construção dos que não desistem de expandir e afirmar a vida com mais direito e com condições de aparecer. Nossa atenção passa por outros registros.

¹ Professor de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Multivix e Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal Fluminense.

² Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade (NEPS/UFES).

³ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenadora do Grupo de Estudos ERÊ-ECO/UFES (Educação das Relações Étnico-Raciais: Estudos em Corporeidade, Oralidade e Ancestralidade). Escritora de literatura infantil e juvenil.

Nossa escrita se faz acontecer na lógica do acontecimento.

Neste artigo, fazemos andanças cruzadas com crianças que nos surpreenderam em atos entrecruzados e com as que foram acionadas e que deslizaram nas franjas da memória nas encruzadas do sagrado e profano. As crianças, como novidade e raridade, aqui comparecem como presença menor que fazem ruir o que delas esperamos como uma vida sempre igual. Elas, as crianças que em viagem entraram em nosso carro, não pedem para serem aceitas e incluídas nas políticas para a população e por gente grande. As crianças, as que aqui nos fazem companhias na viagem e nos instigam a com elas andarmos nas encruzilhadas de nossos não saberes, dizem de modos de estar no mundo como possibilidade aberta por suas questões e afetos complexos.

As crianças cruzando as fronteiras que para elas não existem na conexão entre o sagrado e profano, comparecem como sujeitos reais e, por serem reais, provocam aos autores deste artigo uma escrita nada convencional. Nossa escrita se faz aos modos da contação de *causos* e das histórias que as crianças nos contam e por vezes gostam de ouvir e, nos pedem para repeti-las. Em alguns momentos, as cenas com as quais nos valemos, poderiam começar com um já conhecido “era uma vez” e, “diz a lenda, e, e...”. Mas não, elas se desenham nesta escrita de forma conversante! E por serem conversantes, as histórias não pertencem a ninguém. Fazem parte de um “ouvi dizer por aí”. Uma escrita ritmada pelas formas acadêmicas bem conhecidas, colocariam no sempre igual as imagens de crianças que nos interessam. Nossas crianças não andam só! Não mexam com elas... Por isso, permitem aqui a entrada de conversantes discretos que se fazem presentes em notas de rodapé. As notas de rodapé ampliam as conversas com as crianças, uma vez que são produzidas em encruzilhadas epistemológicas. Nossas crianças, coabitando no sagrado e no profano em condições propícias de aparecimento, podem ter e sentir suas vidas expandidas. Expandindo nossa viagem, fazemos a ti um convite. Vem. Nesta viagem, assim como na roda de caxambu, sempre cabe mais um.

Só bota fogo quem sabe botar...

“Saí de casa na noite de sexta-feira
Saí de casa na noite de sexta-feira
Minha mãe morreu domingo
Nasci segunda-feira
Minha Mãe morreu domingo
Nasci segunda-feira⁴”

⁴ Jongo cantado nas rodas de Caxambu, junto ao Grupo de Caxambu Santa Cruz, sobre a Liderança da Mestra Maria Laurinda Adão.

— Conhecemos este Jongo acompanhando um dos autores deste artigo a uma visita a amigos e amigas moradores do Quilombo de Monte Alegre, localizado no município de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. O que nos levava àquele lugar? Nos juntarmos com aquelas pessoas numa roda de Caxambu em terras quilombolas. A noite estava encantadora, dessas em que a lua cheia nos permite, a partir de nossa imaginação crianceira⁵, avistar Ogum e seu cavalo. Lá, porque abrimos tempo dentro do tempo, as estrelas, luzes ancestrais, porque nos ensinaram que os nossos entes queridos não morrem, mas, viram estrelas, permitiam crianceiramente que acessássemos histórias que se dizem da gente e de nossa gente.

A fogueira ardia em brasas e nos convidava a chegar mais perto e a nos envolvermos com as pessoas daquele lugar. O batuque estava prestes a começar. Crianças, jovens, adultos, velhos e velhas se misturavam em conversas diversas e nisso incluía a curiosidade em saber quem éramos e o que nos fazia chegar no Quilombo para uma roda de Caxambu. Os cães do lugar por ali circulavam como se estivessem a fazer a ronda, guardando o sagrado do caxambu e caxambuzeiros. Quando assuntados sobre as razões de ali estarmos, respondíamos que era o som do tambor que nos chamava, nos convocava. Uma Senhora entrando na conversa nos diz que o que nos levava ao quilombo era a magia do tambor. E acrescenta: “O tambor no sagrado, emitindo o som do coração e da terra, tem a capacidade de buscar e de juntar os seus, inclusive os que já foram para Aruanda”. Bela aprendizagem!

A fogueira e o aquecer do couro do tambor fazia o convite a quem quisesse ali chegar, ficar, cantar, dançar. O calor do fogo que entra pela boca do tambor, guarda em si a força da potência de dá vida ao couro do tambor e a madeira de goiabeira que forma seu corpo. Vegetal e animal, ali se fundem alimentados de uma só vez pelo calor do fogo. O calor da fogueira tem o poder de conectar planta, bicho, gente e ancestralidade. A roda de Caxambu junta e solta. Mas se preciso for: paralisa, amarra e prende. É só desafiar, zombar e tomar por menos... Histórias sobre paralisar, amarrar e prender, não nos faltam em rodas de caxambu e entre caxambuzeiros. Não é só do que se vê que se faz uma roda de caxambu! Ela começa no tempo que antecede o aqui e agora e termina

⁵ Utilizamos a categoria “criança, crianceira e crianceria”, aos modos de Davis Moreira Alvim e Izabel Rizzi Mação (2018, p. 84), quando nos dizem que “[...] o termo criança não qualifica corpos etários, mas as condições revolucionárias desses corpos menores, com suas pequenas questões esboçadas no seio daquelas que consideramos maiores nesse mundo de gente grande”. E também aos modos de Jorge Larrosa (2015, p. 43) que ao pensar sobre experiência nos permite desejar a criança como existência. Para este autor: “[...] a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada, porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é, nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento”.

no tempo da ancestralidade! Como cantam por lá.

“Em Monte Alegre tem um pé de Sabugueiro.
Em monte Alegre tem pé de Sabugueiro.
A raiz dele tá no Rio de Janeiro.
A raiz dele tá no Rio de Janeiro”.

Feitas as devidas preces e pedindo autorização aos donos da rua, a cantoria e o balanço do corpo que contagia outros corpos a entrar na cadência do som do tambor já pode começar o que já foi iniciado em outro lugar. Alguém, que nunca se sabe quem será, a partir de uma olhadela discreta da Mestre de Caxambu puxa um ponto, que puxa outro e outro. O bonito de uma roda de caxambu é que todos estão autorizados a ocupar e performar a condição de mestre e mestra no centro da roda. E nesta maestria, não cabem hierarquias. Para nossa surpresa, foi uma criança quem se atreveu naquela noite a ocupar e performar no tempo vivido pela coragem este de lugar de mestre. Davis Moreira Alvim e Izabel Rizzi Mação (2018, p. 79), como forma de alerta, dizem: “Define-se inadequadamente a criança como aquele indivíduo localizado na fase que vai do nascimento à puberdade ou, pior ainda, como aquele que é cuidado por alguém durante os momentos iniciais da vida. Diferentemente, criança é aquela que cria. A palavra criança, dizem as más línguas, advém do latim *creare*, ou seja, do mesmo radical de que decorrem as palavras criação e criatividade. Trata-se de uma composição do verbo *criar* com o sufixo *ança*, lembrando a ação que resulta do criar. Porém o que os dicionários de etimologia não explicam é como, exatamente, a criança cria”.

De mãos postas no tambor, pedindo permissão, dando o tom ao coro e ritmo ao tambor, a criança solta seu canto:

“Passei na ponte, a ponte estremeceu
Passei na ponte, a ponte estremeceu
Não sou mais do que ninguém
Ninguém é mais do que eu
Não sou mais do que ninguém
Ninguém é mais do que eu.”

A criança ao aparecer em sua maestria num átimo de tempo, dizia e convocava aquela assembleia⁶ a lhe ver em sua existência real! Nem mais, nem menos. Aqueles pontos cantados como desafio de mais um, traziam aos nossos ouvidos dimensões de fé,

⁶ Ocupar a cidade, as ruas, as praças entre outros espaços é uma bela oportunidade para a assembleia reivindicar o direito de existência. A este respeito Butler (2018, p. 33) pondera: “[...] quando os corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando o reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida. É claro que precisam existir condições nas quais essa reivindicação seja entendida como reivindicação.”

da ancestralidade, de resistência negra na e com a terra, da luta de classe interseccionada pela dororidade⁷ dos que sentem e vivem juntos uma vida. Crianças, jovens, adultos, velhos e velhas fazendo a roda de caxambu, colocavam em suspensão as dimensões geracionais e as hierarquias que conhecemos nos espaços do sagrado. Naquela roda de caxambu, *tempoespaço* sagrado, criança puxava ponto e velho puxava criança e ponto. Tudo junto, misturado, fluindo ritmado com a força do movimento cantante e dançante que preenchem o tempo intensidade e faz da rua heterotopias⁸ de um grande terreiro e ou de uma roça. Com as forças dos pés dançantes se via desprender do chão de terra batida a potência de fazer vida como criação no lugar, que se refaz na alegria resistente dos afetos.

Ninguém fica parado numa roda de caxambu. O movimento do corpo cantante é condição para manter a alegria e a coragem de continuar⁹ na vida e na luta pela vida. Numa roda de caxambu, os corpos, juntos, fazem de si outras geografias. Ele se balança e faz balancê. E de repente, desafiados por crianças e velhos, lá estávamos nós na condição de mais um, cantando, dançando e contribuindo para o giro e crescimento da roda. As dimensões geracionais e as hierarquias que produzimos entre os de dentro e os de fora, normal e anormal, cristãos e não cristãos, tecidas com cimentos das exclusões binárias que se fabricam nas relações sociais, familiares e religiosas, ali não se crescem. Naquela roda de caxambu, em prática, no tempo espaço do acontecer caxambu, a partir da experiência de um saber sem proprietários¹⁰, em ato, faz acontecer a produção de outros mundos, outras linguagens e lógicas.

Terminando o tempo que se pode contabilizar no caxambu e aquele encontro festeiro misturando sagrado e profano com as pessoas do lugar, nos colocamos na estrada e em conversas desencontradas sobre nossas impressões do vivido. Nossa conversa passava pelos afetos, alegria, pelas lógicas coletivas do estar junto, do ocupar

⁷ Vilma Piedade (2017, p. 16-17), refletindo sobre a invenção de um conceito, no caso, dororidade diz: “O caminho que percorro nessa construção conceitual me leva a entender que um conceito parece precisar de outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa Dor é Preta. [...] a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor.

⁸ Foucault (2013, p. 24) diz que: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveria ser incompatíveis”.

⁹ Foucault (2018 s.p.) já nos ensinara que: “Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade e não sua fuga nas formas da representação que possui uma força revolucionária”.

¹⁰ Pois como nos ensina Michel de Certeau (2002, p. 143): “Trata-se de uma saber não sabido. Há nas práticas, um estatuto análogo àquele que se atribui às fábulas ou aos mitos. Como os dizeres de conhecimentos que não se conhecem a si mesmo. [...]. Portanto, não pertence a ninguém. [...] Trata-se de uma saber anônimo e referencial [...]”.

a rua da comunidade, de se fazerem visíveis. Nossas impressões pautavam também nossos estranhamentos com o que não sabíamos sobre o vivido. Impressões... apenas isso. Aprendemos ainda muito cedo que algumas coisas não se fazem de precisão, algumas coisas só nos é possível sentir. No retorno às nossas casas, conversamos sobre as crianças e suas relações de simetria vivida no tempo espaço caxambu. Nossa conversa, não fazia das crianças herdeiros e responsáveis pela manutenção da prática do caxambu. Livremos as crianças da responsabilidade de manutenção do que nos acostumamos a chamar de tradição. A tradição será sempre espaço-tempo de negociação, criação e tradução¹¹. Deixemos as crianças livres para serem crianças e que possam em práticas de liberdade afirmarem a criancice da criança, como sugerem Gallo e Rodrigues (2018, p. 214).

No caminho de volta às nossas casas, tecendo conversas sobre a experiência das crianças com o sagrado que se vive no caxambu, outras cenas de crianças compareceram como memória acionada nas franjas do vivido e, nos sentidos que damos a elas. E, um dos autores, tomando a direção da conversa que parecia desencontrada, oferece-nos um fragmento como sopro de mais uma história de criança com o sagrado e o fenômeno religioso. Mas, quem conta esta história é uma voz ancestral que sussurra e comparece como mais uma presença em nosso carro e em nossa viagem.

Sem Exu, não se faz nada!

— Saímos de casa como de costume para buscar água da mina e deixar os meninos se refrescarem no pocinho d'água que se formava ali. Ainda era bem cedo e naquele dia o sol estava propício para deixar crianças serem crianças. Ele tinha apenas sete anos de idade. Era um menino bem obediente, mas naquele dia ele amanheceu estranho. Poucas palavras. Parecia que não podia falar para não esquecer. Não quis vestir a roupa que separei para ele. Voltou ao seu quarto e de lá saiu com um shortinho branco e uma camiseta branca de escola. Disse a ele naquele momento: “Menino você está doido, quer ir à mina de roupa branca? Vai ficar todo sujo de barro!” Ele disse que não sujaria a roupa. Então, para não perdermos tempo, pegamos nossas vasilhas, juntamos as crianças e formos para a mina. A mina ficava na matinha atrás de casa.

¹¹ Judith Butler (2017, p. 21) nos ensina que: “[...] a tradução não pode ser simplesmente a integração do que é estrangeiro naquilo que é familiar; ele deve ser uma abertura ao não familiar; uma despossessão do solo anterior, e até mesmo um desejo de ceder ao que não se pode conhecer de imediato e dentro dos campos epistemológicos estabelecidos. [...] A tradução torna-se condição de um encontro transformativo, um modo de estabelecer a alteridade no núcleo de transmissão (p. 27).”

Ainda não tínhamos água encanada. Morávamos ali há pouco tempo e dinheiro na roça você sabe, né, nunca sobra. Fomos para a mina. Ele, na frente, em assobio, fez caminho. Chegamos na mina. Ele lavou seu rosto, suas mãos e seus pés. Tudo muito costumeiro para nós até aí. Pois, coisas parecidas, todos nós fazíamos ao chegarmos na mina em dias de calor. De repente ouvimos um grito enorme, desses que parecem não ter fim... Não, não era bem um grito... era um bradar. Aquele bradar já me era familiar. Em poucas ocasiões, naquelas em que mamãe recebia sua Preta Velha, ou seu Caboclo de Trabalho para benzer quem em nossa casa fosse à procura de uma palavra de conforto, de planta para fazer chá, remédio e banhos. Mas aquele bradar o menino não conhecia! Seu corpo¹² ganhou uma nova roupagem. Parecia que o menino tinha se tornado gente grande. Do nada, lá estava ele no topo de uma árvore a jogar suas flechas. As flechas não eram visíveis, mas, estavam lá. Chamávamos pelo seu nome e ele não nos ouvia e, se nos ouvia, não nos respondia. Debaxo da árvore começamos a rezar as nossas orações conhecidas. Pai Nosso, Ave Maria, Pai Nosso, Ave Maria... Mas as preces não cumpriram a função de devolver o menino. Ninguém se atreveu a subir naquela árvore, nem seu irmão mais velho. Ficamos com medo dele se assustar e de lá cair. Depois de muito bradar no alto daquela árvore, desceu no mesmo galope que subiu. Perguntamos a ele o que estava acontecendo. Eu tinha ideia do que poderia ser! As imagens de minha mãe com seus guias de trabalho (caboclo, preto e preta velha) lá na roça, no fundo de casa, não se desgrudavam de mim. Teve momentos que achamos que ele estava a nos pregar uma peça, a debochar da gente, a produzir medo na gente. Não..., ele não tinha talento para artista. Mas... uma criança... não, não poderia ser! Imaginava que o fenômeno mediúnic só acontecia com a gente depois de adulto e sobre nossa autorização. Ele, que não era ele, sem responder a nossa indagação se pôs a cantar uma música que ninguém lá em casa sabia cantar. Naquela época nem mamãe conhecia. Hoje se canta lá no terreiro:

“Foi numa tarde serena
Lá nas matas da Jurema
Eu vi um Caboclo Bradar
Kiô
Oh Kiô Kiô Kiô Kiera
Toda mata está em festa

¹² A ideia de heterotopia desenvolvida por Foucault (2018), apontada nesse texto, nos permite pensar o corpo como possibilidade de justaposição de outras forças e de composição com outros corpos. Corpo erguido no encontro de forças, mais que um e menos que dois, um híbrido, como sugere Michel de Certeau (2002, p. 95) que “[...] conserva a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante. Quem tem olhos de ver: que veja”.

Depois de cantar esta música, se apresentando, de forma ativa, foi até a mina, lavou sua nuca e voltou a ser o menino que nos acompanhava. Juntamos nossas coisas, sem nada dizer, num galope só, voltamos para casa. Com os olhos esbugalhados, por acharmos que uma criança não poderia viver aquela experiência com o sagrado, contamos o acontecido para minha mãe. Ela, sem demonstrar nenhuma estranheza, entre risos, nos disse: “E o quê que tem!? Seu Sete Flechas, já havia me dito que iria chegar aqui em casa. Achei que chegaria para trabalhar comigo e não com o moleque. Chame logo o menino, vamos explicar para ele o que aconteceu”. Quando mamãe começou sua explicação, ele a atropela e vai logo dizendo: “Está tudo bem vovó. É seu Sete Flechas. Ele é meu amigo. Vamos ficar juntos por algum tempo. Esta noite sonhei com ele. Seu Sete Flechas me pediu que vestisse branco. Ordem dada, ordem cumprida”. E aquele menino cresceu!

De vez em quando lá no terreiro, histórias como a dele se repetem. As famílias que chegam no terreiro, na maioria das vezes traduzem o fenômeno mediúnico em loucura¹⁴. Em algumas vezes, os adultos, prefeririam que a mediunidade fosse vista e tratada como loucura. Do alto de sua racionalidade e de sua empáfia diante das coisas de Terreiro e das coisas que não se pode ver, acreditam que aquelas crianças precisam de psicólogos, psiquiatras e às vezes até de exorcismos. Vivendo uma vida pelo tempo que desejar no terreiro, vão percebendo que o fenômeno religioso é só mais uma dimensão do vivo e que criança¹⁵ no axé e com axé, não é o que pensamos que são e que deveriam ser. As crianças são irrupção. Esta história desse menino que aqui contei para vocês já ajudou muitas crianças e suas famílias a se livrarem de bioquímicos. Um

¹³ Ponto do Caboclo Sete Flechas – Domínio Público.

¹⁴ Simples equação: quando não se consegue explicar a racionalidade que conhecemos transforma sensibilidades em loucura. Para a loucura se vendem a cura em frascos de bioquímicos.

¹⁵ Por serem irruptivas e não origem, as crianças no axé e com axé dizem não a infância moderna em sua arrogância com o desenvolvimento infantil. A este respeito Leonardo Lemos de Souza, Raquel Salgado e Molise de Bem Magnabosco (2018, p. 150-151) ponderam: “No que diz respeito à infância, o discurso do desenvolvimento consiste em uma narrativa que tem como um de seus efeitos de poder dizer o que ela é, fazê-la existir de uma determinada forma. Reportamos-nos aos discursos do ‘desenvolvimento humano’ que, sob o invólucro da ciência psicológica, produz uma colonização da infância. No entanto, entendemos que o que é regular e normativo não pode ser compreendido sem o seu avesso: a disrupção. [...] Um dos mais pesados fardos impostos à criança – e, de certa forma, a todos/as nós, nos mais diversos tempos de nossa existência – é o desenvolvimento, sobretudo aquele que acontece sob a égide de uma normativa, de um dever ser que nos lança em uma trajetória, cujo desenrolar tem, de antemão, um roteiro que arbitra sobre a vida pelo crivo da saúde, da felicidade, do sucesso, da maturidade, da inteligência, do equilíbrio, da heterossexualidade compulsória, da capacidade corporal, da autonomia, da sociabilidade, da perfeição, da eficiência, da produtividade e da normalidade”.

terreiro pode fazer laboratórios bioquímicos falir. Poderia ser tudo mais simples né!?!... Mas, o que não conhecem, por não querer conhecer de nossa fé, nosso axé e nossos modos de cuidado com a vida e com a natureza. E, para nos enfraquecer nos rastros da história higienizada do cristianismo, inventaram na força do tempo, o demônio e a maldade para nossas religiões. Hoje percebo que o demônio não é mais uma invenção suficiente para conter cada um no seu lugar. Cada vez mais as pessoas cruzam as fronteiras e riem das histórias de demônios. Agora, nas prateleiras das farmácias, acessíveis a uma grande parte da população, se vendem remédios para crianças e adultos que garantem curar a alma. E para tantos outros, o terreiro ainda continua sendo o espaço de acolhimento e de explicação para aquilo que ainda não se sabe, mas se sente.

Nosso carro estava cheio. Éramos cinco pessoas ensandecidas querendo contar histórias vividas e conhecidas que nos envolviam com as crianças no campo do sagrado. E como gostamos de nos encontrar, aproveitamos a oportunidade aqui aberta pela escrita que nos convida a descolonizar as crianças das amarras que produzimos para mantê-las no cativeiro do medo. Gallo e Rodrigues (2018) já nos disseram que grupos minoritários, mulheres, negros, negras, migrantes, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais e mais, avançaram nas garantias de direitos civis e no direito de aparecer. E, se/nos perguntam: Já não seria hora de descolonizarmos as crianças? Em atropelamento, seguimos viagem com outra história e agora de uma menina que dormia o tempo todo e de tanto dormir: acordou.

Tupinambá: o grande guerreiro e feiticeiro!

— Dormia o tempo todo a menina. A menina, mesmo acordada, parecia que dormia. Desde bebezona, parecia brincar com diversas pessoas enquanto estava acordada: o mesmo acontecia quando dormia, pois, falava, sorria, gargalhava, chorava e cantava. O que despertava a atenção dos familiares era que, na maioria das vezes, a menina parecia interagir com espíritos, uma vez que os familiares não viam ninguém perto da menina quando ela estava em total atividade e agitação física e emocional. Conforme a menina foi crescendo e adquiriu a fala, constantemente ela era vista “falando sozinha”, “brincando sozinha”, “se divertindo sozinha”. Com o tempo, isso se manteve e na forma da família entender aquilo, tudo se agravou quando, por volta dos 5 anos, a menina começou a fazer previsões do tipo: “O Seu Cândido vai morrer essa

semana”. Ou: “A Tia Aparecida vai ter um ataque do coração”. A mãe começou a ter mais cuidado com a filha: a observava o dia inteiro e quando a menina dialogava como se estivesse com alguém, sem estar, a mãe se aproximava e dizia: “Com quem você está conversando?” A menina dizia que conversava com seus amigos espíritos, que só ela via. A mãe estranhava, mas com o tempo, passou a confiar no que a filha dizia até porque as previsões sempre se confirmaram. Quando a bebezona começou a ir para a escola, por volta dos 3 anos, seu mundo invisível a acompanhou. Certo dia, narrou a professora, “a menina se isolou do grupo e foi para o quintal, onde haviam plantado ervas. Ela conversava com seus amigos invisíveis enquanto colhia ervas. Pegou três delas. Antes de pegar cada tipo de erva, a menina fazia um gesto como quem atira uma flecha, com o seu arco imaginário. Em certo momento, solicitou para mim uma vasilha e ao entregar a mesma para ela, começou a macerar as ervas com um pouco de água e, após colocar as mãos sobre o sumo macerado e parecer fazer umas rezas, pedia para que seus amigos também colocassem as mãos sobre o sumo. Ela pegou aqueles copinhos de plásticos que crianças brincam de casinha e colocou o sumo em dois copinhos, caminhou até mim e pediu para eu tomar, pois, assim, o buraco que eu tinha em meu estômago, fecharia. Eu olhei para ela assustada e perguntei como ela sabia sobre meu estômago e ela respondeu que seus amigos espíritos haviam lhe contado. Eu agradei e disse que queria saber os nomes dos seus amigos, ao que me respondeu serem Joãozinho, um erê, ser criança-brincante-ancestral, Pai Benedito, um preto-velho e o Caboclo Tupinambá, grande guerreiro e feiticeiro. Também disse que aquela receita tinha sido feita por ele, O Feiticeiro. Tomei. Com o restante do sumo, a menina disse para eu tomar banhos por três dias seguidos. Preciso dizer que o buraco do meu estômago se fechou e eu me curei. Acreditei nos amigos dela porque sou descendente de guarani e sei que a ancestralidade fala muito com as crianças e que, por isso, precisamos estar atentas à infância porque eles gritam o tempo todo através das crianças”. Quando a professora contou isso para a mãe da menina, ela se sentiu acolhida em seu desespero solitário e isso a fortaleceu para defender a filha enfrentando o pai que insistia em dizer que a menina estava ficando louca. “Não. – disse a mãe – A minha filha está muito bem acompanhada por seres de luzes, flechas, águas, cores e curas. Até a professora acredita nisso porque é testemunha de que ela conversa com forças do bem. Saudações, Caboclo Tupinambá!”. Aos seis anos, a menina foi levada a um terreiro de umbanda. De repente, a menina se percebeu no meio da gira com a sensação de que tinha dormido. Ao redor dela, sua mãe e seu pai com os olhos esbugalhados e o

pai de santo do terreiro que estava virado no preto velho, Pai Benedito. A menina olhou ao redor e disse: “Mãe, eu dormi?” E o Pai Benedito respondeu: “Não, minha filha, você acordou... acordou para a vida espiritual”. E com o tempo, a menina soube que havia virado no Caboclo Tupinambá, o seu amigo de sempre. Mas essa, é uma outra história.

**Ponto do Caboclo Tupinambá
(Domínio Público)**

Estava na beira do rio
Sem poder atravessar
Eu chamei pelo caboclo
Caboclo Tupinambá

Tupinambá, ee
Tupinambá, ea
Tupinambá, ee
Tupinambá, ea!

As histórias não paravam de brotar ali dentro daquele carro. O carro, aos modos das heterotopias, havia se transformado em nossos deslocamentos numa grande roda de conversa. De forma afirmativa, já com lágrimas nos olhos, pudemos ouvir de uma voz já tremula pela emoção, a narrativa abaixo.

Ei... pisa nesse chão devagar

— Era quinta-feira. A professora da educação infantil manda bilhete para casa, comunicando às famílias que, no outro dia, seria o dia de brincadeiras livre¹⁶ na escola e que as crianças poderiam, caso assim desejassem, levar o brinquedo e de propor brincadeiras para a turma. Na sexta-feira, na hora de arrumar sua mochila, a criança se lembra do bilhete. O abre e fecha gavetas, se faz ouvir. “Mãe cadê meu vestido do Terreiro?” A mãe, sem nada perguntar, entrega o vestido para criança. Vestido na mochila, fio de Oxalá e guia vermelha de seu guardião foram com muito cuidado acomodados no bernal de algodão branco. Tudo na mochila e lá se vai a criança para a escola. Chegou a hora da brincadeira. A criança busca o espaço mais tranquilo da sala de aula. Ali, sobre uma mesinha de plástico, monta seu Congá¹⁷ e usa bonecas e bonecos da sala de aula como referências aos Santos e Orixás de um terreiro de

¹⁶ Chamamos aqui de brincadeiras livres, as atividades que as crianças podem organizar sob a supervisão de um adulto. Não necessariamente sem a presença de um cuidador/educador/professor. Ver uma criança sozinha é motivo de espanto.

¹⁷ Altar sagrado de um terreiro de umbanda.

Umbanda. Feito isso, a criança vai até o banheiro e volta de lá com seu vestido branco. O giz da escola é transformado em pamba¹⁸! Com ele faz o ponto riscado – assinatura da Cabocla dirigente de seu terreiro. Coloca em seu pescoço a guia branca e a vermelha. Busca um copo d’água e se depara com a necessidade de uma vela. Por não poder ascender uma vela na sala de aula, pois proibimos as crianças de mexer com fogo, a criança inventa¹⁹, sem sair do lugar, sua vela com cera de modelar. Tudo preparado. A brincadeira de terreiro já poderia começar. A criança então, canta algumas músicas que fazem parte da ritualística do tempo religioso do terreiro que frequenta, faz sua prece, e se põe a chamar em silêncio pela Cabocla responsável pelos trabalhos religiosos de seu terreiro. A criança senta em um banquinho e por ali fica alguns minutos em silêncio. A professora nesse momento vê a criança. Preocupada com o que se pode ver²⁰, com as lógicas de seu enquadramento²¹, sem compreender o que se passa, onde nada parecia acontecer, a professora vai até aquela criança e a pergunta se está tudo bem. A criança responde: “Tia, estou tentando incorporar minha Cabocla. Tento, tento, tento e ela não quer chegar. Lá no terreiro, ela chega rapidinho na minha avó”. A professora explica a criança que o tempo da brincadeira livre havia terminado. Pede à criança para guardar suas coisinhas na mochila e que a partir daquele momento a brincadeira seria coordenada por ela. Sem pedir explicações a criança guarda seus apetrechos e se põe a brincar com a professora e seus colegas. No fim da aula, a criança leva um outro bilhete para casa. Desta vez, o bilhete solicitava a mãe que fosse na segunda-feira na escola para explicar sobre a brincadeira de Terreiro. Na segunda-feira lá estava a mãe na escola! E a professora, na companhia da diretora da escola, diz: “Mãe, não fica bem a sua filha brincar com coisas religiosas na escola! Religião se vive na vida privada”. A mãe, já toda preparada para o enfrentamento foi logo dizendo: “Mas, aqui na escola

¹⁸ Bastão de calcário utilizado em rituais religiosos de magia riscada. Sangue mineral.

¹⁹ A criança, sem sair do lugar, no caso, da escola, inventa. Esta é a arte do fraco como nos ensina Michel de Certeau (2002, p. 93), pois “sem sair do lugar onde tem que se viver e que lhe impõe uma lei, ela aí instaura a pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediações ele tira daí efeitos imprevisto”.

²⁰ Judith Butler (2015, p. 24) a este respeito tem a dizer: “A moldura nunca determinou realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos. Algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso senso de realidade; em outras palavras, algo acontece que não se ajusta à nossa compreensão estabelecida das coisas”.

²¹ Sobre enquadramentos e sua capacidade para postular uma vida, Butler (2015, p. 15) nos oferece a seguinte explicação. “Os enquadramentos que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um *continuum* de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o ‘ser’ do sujeito depende de normas que facilitem o reconhecimento”.

vocês ensinam tantas coisas. Aqui vocês ensinam as crianças a coroar Nossa Senhora. Aqui vocês ensinam as meninas a cuidar das bonecas como condição necessária para se tornar boas mães. Aqui vocês ensinam as crianças que tipo de brincadeira é adequada para seu gênero. Aqui vocês ensinam coisas que discordo e, nem por isso, mando bilhete para a escola pedindo que parem. Sei que escola é um lugar para se viver democraticamente na diferença²² com direitos. Não consigo entender onde está o problema de minha filha brincar de terreiro. O terreiro é parte de sua vida. As crianças brincam com as coisas de sua vida. Minha filha nunca mais trará para escola seus apetrechos de terreiro, pois estou compreendendo que aqui vocês estão tratando de forma desigual a diferença. Exijo como direito, que minha filha seja tratada como igual²³. Mas a partir de hoje, não informem as crianças que elas podem brincar do que quiserem. Parece-me que a escola, sem conversar e ouvir a família, está interditando minha filha! Gostaria que este assunto fosse pauta da próxima reunião de pais e mães”. A reunião de pais logo acontece e o assunto da criança brincando de Terreiro é pautado pela mãe e junto àquela mãe, outros se juntam. Na reunião o que era privado ganha cena pública. Todos ficaram sabendo da criança que até então era apenas uma estudante daquela escola. Dali em diante, a criança ganha uma marca e uma outra existência! Mas os tempos são outros. A criança aprendeu muito cedo, com as histórias daqueles que a antecedem a enfrentar aquela situação de racismo e de intolerância religiosa. A macumbeirinha da escola, porque não é santa e sem pretensão alguma de ser, passa a usar os xingamentos a seu favor. De vez em quando a mãe precisa voltar na escola. O feitiço virou contra o feiticeiro. De vez em quando a criança, dessas que não tem trava na língua, precisa lembrar a sua professora e seus coleguinhas de turma quem é sua avó. A criança aprendeu astuciosamente, artes do fraco, a barrar ofensas com o sagrado. E, de ameaça em ameaça, a criança desfila por aí cantando “Carta de amor” e riscando as carteiras de quem lhe ofende com giz da escola. O giz da escola na sua mão torna-se uma espada! Ter uma marca de giz na carteira é motivo de alvoroço na escola. De vez enquanto, pelos corredores da escola e ou, bem baixinho em sua carteira em sala de

²² “Se direitos podem ser universalizados apenas para os que seguem regras seculares, ou que pertencem a religiões que são consideradas aptas a serem protegidas pela lei, então certamente o universal se tornou esvaziado de sentido ou, pior, se tornou instrumento de discriminação, racismo e exclusão. Se o direito de aparecer tivesse sido respeitado universalmente, ele não seria capaz de sobreviver a essa contradição óbvia e insuportável”. (BUTLER, 2018, p. 57).

²³ A igualdade, como defende Butler (2018, p. 59), “é uma condição e uma característica da ação política em si, ao mesmo tempo que é seu objetivo. O exercício de liberdade é algo que não vem de você ou de mim, mas do que está entre nós, da ligação que estabelecemos no momento em que exercitamos juntos a liberdade, uma ligação sem a qual não existe liberdade.”

aula, sem saber se é ela ou Maria Bethânia²⁴, se faz ouvir:

Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe não!

E com as crianças de nossas encruzilhadas, as que não pedem para ser explicadas entre caxambus, flechas, água e escolas, com Maria Bethânia, seguimos nossa viagem cantando:

Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe não! (bis)

Eu tenho Zumbi, Besouro, o chefe dos tupis
Sou Tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares
Zarabatanas, curares, flechas e altares

A velocidade da luz, o escuro da mata escura
O breu, o silêncio, a espera
Eu tenho Jesus, Maria e José
Todos os pajés em minha companhia
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
O poeta me contou

Não misturo, não me dobro
A rainha do mar anda de mãos dadas comigo
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim
É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre meu corpo
Garante meu sangue, minha garganta
O veneno do mal não acha passagem
E em meu coração, Maria acende sua luz e me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã
Giro o mundo, viro, reviro
Tô no recôncavo, tô em fez
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
Traço o cruzeiro do sul com a tocha da fogueira de João menino
Rezo com as três Marias, vou além
Me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales, montanhas
Durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões
Corpo vivo de Xangô

Não ando no breu, nem ando na treva
Não ando no breu, nem ando na treva
É por onde eu vou que o santo me leva
É por onde eu vou que o santo me leva

Medo não me alcança
No deserto me acho, faço cobra morder o rabo, escorpião virar pirilampo
Meus pés recebem bálsamos, unguentos suaves das mãos de Maria
Irmã de Marta e Lázaro, no oásis de Bethânia

²⁴ Música “Carta de amor” interpretada por Maria Bethânia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/carta-de-amor/>. Acesso em: 15/02/2019.

Pensou que eu ando só? Atente ao tempo!
Não começa, nem termina, é nunca, é sempre
É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça

Eu não provo do teu fel, eu não piso no teu chão
E pra onde você for, não leva o meu nome não
E pra onde você for, não leva o meu nome não

Onde vai, valente?
Você secou, seus olhos insones secaram
Não veem brotar a relva que cresce livre e verde longe da tua cegueira
Seus ouvidos se fecharam a qualquer música, a qualquer som
Nem o bem, nem o mal pensam em ti, ninguém te escolhe

Você pisa na terra, mas não a sente, apenas pisa
Apenas vaga sobre o planeta, e já nem ouve as teclas do teu piano
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona, não tem alma
Você é o oco, do oco, do oco, do sem fim do mundo

O que é teu já tá guardado
Não sou eu quem vou lhe dar
Não sou eu quem vou lhe dar
Não sou eu quem vou lhe dar

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois
Minha fome é matéria que você não alcança
Desde o leite do peito de minha mãe
Até o sem fim dos versos, versos, versos
Que brotam do poeta em toda poesia
Sob a luz da lua que deita na palma da inspiração de Caymmi

Se choro, quando choro, e minha lágrima cai
É pra regar o capim que alimenta a vida
Chorando eu refaço as nascentes que você secou
Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio
Vivo de cara pra o vento na chuva, e quero me molhar
O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito
Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, mas nenhuma espada corta

Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe não!

Um copo de água e uma vela, por favor!

Recebido em: 23-02-2019

Aceito em: 11-03-2019

REFERÊNCIAS

ALVIM, Davis Moreira; Mação, Izabel Rizzi. Uma filosofia das crianças: forças, meios e invenções. *In*: RODRIGUES, Alexandro (Org.) **Crianças em dissidências: narrativas desobedientes da infância**. Salvador: Editora Devires, 2018. p. 71-85.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando uma vida é possível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes**: judaicidade e crítica do sionismo. São Paulo: Boitempo, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo. n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O anti-édipo**: uma introdução a uma vida não fascista. Escola Nômade de Filosofia. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/22/o-anti-edipo-uma-introducao-a-vida-nao-fascista/>. Acesso em: 14 fev. 2018

GALLO, Silvio; RODRIGUES, Alexsandro. Sexualidades e infâncias: (des)viar conversas que afirmam uma infância, para fiar preocupações com a novidade da criança em aparecimentos. *In*: RODRIGUES, Allan; BERLE, Simone; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia e educação em errância**: inventar escola, infâncias do pensar. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizontes: Autêntica, 2015.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e Educação**: estratégias para o empoderamento da mulher negra. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

SOUZA, Leonardo Lemos; SALGADO, Raquel Gonçalves; MAGNABOSCO, Molise de Bem. A vida pode ser escrita por linhas tortas: quando infâncias, gênero e sexualidades interrogam o desenvolvimento. *In*: RODRIGUES, Alexsandro (Org.). **Crianças em dissidências**: narrativas desobedientes da infância. Salvador: Editora Devires, 2018. p. 149-166.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.